Boa tarde,

Cabe-me a mim, enquanto Grão-Mestre do G∴O∴L∴, encerrar esta Conferência, como a Obediência Maçónica mais antiga das aqui presentes.

Cumprimentar os

Grão-Mestres da G∴L∴F∴P∴ e da G∴L∴L∴/R∴P∴,
Estimados Conferencistas,
Senhoras e Senhores Convidados,
Meus Irmãos e Irmãs, pela Vossa participação

Deixar um agradecimento especial à Universidade Lusófona, através do Senhor Professor Paulo Mendes Pinto, pela generosa cedência das instalações e, finalmente, ao Pedro Luiz de Castro e ao Paulo Ghira Campos, sem os quais a organização deste evento não teria a qualidade logística que testemunharam.

Estivemos aqui a falar sobre Paz num tempo em que o mundo se encontra em estado de guerra e, onde ela se trava é, também, na Europa.

Infelizmente, este facto não é, para nós europeus, uma novidade. Na verdade, até 1945, o nosso Continente viveu em guerra permanente, em guerra entre nações e blocos geopolíticos, em guerras religiosas, em guerras comerciais e de interesses económico-financeiros, em guerras de extermínio de populações inteiras e de minorias raciais.

No fim da II Guerra Mundial, graças à ação conjugada de um conjunto de pessoas de boa vontade, foi possível conceber uma Europa sem guerra e um Mundo que vivesse tendencialmente em paz. Da ação pertinaz de Jean Monnet e de Robert Schumann, tornou-se possível construir uma paz estável e duradoura no continente europeu ou, pelo menos, na parte desse continente que englobava os países pertencentes, primeiro, às Comunidades Europeias e, desde o Tratado de Maastricht de 1992, à nossa atual União Europeia.

Hoje, quando ela se encontra profundamente abalada, torna-se essencial procurar chamar as pessoas à razão e ao bom senso, e a assumirem uma ética de responsabilidade: não poderemos deixar aos nossos filhos e netos um mundo mais inseguro, menos próspero e em pior estado do que aquele que nos foi legado pelos nossos pais e avós.

Ora, com a ação das instituições a ser insuficiente, será que podemos voltar ao tempo do Homem?

De facto, já passaram 80 anos e devemos entender que os novos tempos exigem novas soluções, novas decisões. Há novas visões no mundo, os países emergentes ou em via de desenvolvimento, os BRICS, exigem mudar a velha ordem internacional e criar novas regras onde querem ser ouvidos de forma diferente.

No meio deste turbilhão, a Europa, que soube construir uma sociedade baseada em Estados de direito, sempre pensou que estes valores, também maçónicos, poderiam inspirar e estender-se ao resto do mundo.

Mas não. O multilateralismo veio dizer que não, e exige basear-se em regras mais igualitárias, mais equilibradas, onde não haja nações protetoras e nações protegidas.

Atualmente, temos dificuldade em compreender os acontecimentos que todos os dias nos batem à porta. Vivemos tempos difíceis num tempo em que os desafios e, sobretudo, os conflitos de hoje, já não podem ser resolvidos à luz das disposições da agora velha Sociedade das Nações, criada em 1945.

Vivemos tempos de incerteza, inquietantes até, com o aparecimento de extremismos atiçados nas redes sociais, ao mesmo tempo que verificamos a deterioração dos princípios informativos da sociedade, num ambiente de pura demagogia, sempre e cada dia mais galopante.

Aceitámos durante muitos anos que esse papel fosse como que controlado pelos Estados Unidos, sempre com a União Soviética, ou agora a Federação Russa, a servir de contraponto, quando a China emerge em situação no mínimo igualitária perante as outras potências.

Quem passará então a gerir o Mundo? Com que princípios e valores?

Como terminarão as muitas tensões religiosas, sociais e de costumes, relacionadas com diferentes formas de viver e sentir, que as diversas, múltiplas e recentes emigrações em tantos países europeus vieram demonstrar?

No meio de tantos, mas tantos problemas mundiais, de tão grandes e variados tipos, que conseguiremos prever em relação ao futuro?

Deve o Ocidente aceitar partilhar valores afastados do compromisso da democracia? Onde ficam as liberdades, onde fica a defesa da dignidade humana, sabendo todos nós que, quem nos desafia, contesta estes valores que são para nós, maçons, absolutamente universais?

O Direito Internacional foi e deverá continuar a ser a nossa defesa, a nossa muralha contra as forças antidemocráticas. Mas esse mesmo Direito Internacional não pode ser exibido para condenar quando nos convém e esquecido quando não nos dá jeito.

Se os valores do Ocidente são os de uma sociedade mais justa e mais tolerante, se queremos ter um discurso razoável, credível e aceite, sejamos justos e tratemos todos, mas todos os conflitos, à luz desse mesmo Direito Internacional.

Em regra, quando eclode um conflito entre povos e Estados, as razões podem ser apenas uma, mas rapidamente abrangem quase todas as outras. As guerras trazem morte, miséria e desgraça. São um meio pelo qual nada se resolve e que, no limite, deixam feridas abertas e adiadas as soluções dos problemas que as causaram.

Ora, a obrigação moral de todos os homens e mulheres é perseguir a paz como o grande ideal da Humanidade, mesmo a “paz perpétua”, como a imaginava o filósofo alemão Immanuel Kant. Muito antes dele outros filósofos e políticos tiveram também essa ambição, a de poderem viver e legar um mundo de paz, de boa vontade e união entre os seres humanos.

E porque não mencionar também Jean-Jacques Rousseau, que sempre se preocupou com a conservação desse bem público que hoje aqui nos fez juntar, e que propôs a criação de uma "*República Europeia*", que agregasse as diferentes nações e dela cuidasse? Mais perto do nosso tempo, é de toda a justiça referir a "*Monarquia Universal*" de Immanuel Kant, o nome maior do Iluminismo Alemão, mas também Claude Henri de Saint-Simon, Proudhon e Victor Hugo. Todos eles foram intransigentes defensores da Paz, defenderam-na e lutaram por ela enquanto valor supremo da Humanidade. O seu exemplo deve ser, para todos nós, fonte de inspiração.

Deste ponto de vista, o papel da Maçonaria é, como sempre foi desde que existe como Ordem Iniciática, Filosófica e Progressiva, estruturada em organizações plurais e diversificadas, essencial, diria mesmo. Será até mesmo determinante para um Mundo que ambicionamos melhor.

Por essa razão, este encontro de Obediências Maçónicas, de Maçons e de não maçons, que não pensam de modo igual e não cultivam a Maçonaria nas mesmas instituições nem da mesma maneira, é importante.

Semelhante, apenas, quando, a convite do Grande Oriente Ibérico, se realizou um jantar-debate que envolveu os Grão-Mestres da G∴L∴L∴/R∴P∴ e o G∴O∴L∴ sobre o que os unia e dividia, numa frutífera e profícua jornada.

A bem da Verdade, esta é uma organização conjunta das 3 Obediências aqui representadas ao mais alto nível, unidas num mesmo propósito, que souberam superar as suas diferenças e se juntarem para debaterem *A Paz em Tempo de Guerra*. Em Igualdade!

É que, e em primeiro lugar, apesar do que nos pode distinguir, o que nos une é muito mais forte e, por isso, relevante. Esta é uma lição que devemos levar daqui e não a esquecer.

Permitam-me, então, que Vos fale brevemente como Grão-Mestre do Grande Oriente Lusitano – Maçonaria Portuguesa, Obediência Maçónica Adogmática e Liberal, que existe, entre nós, ininterruptamente, desde 1802 e é, assim, a segunda Obediência Maçónica mais antiga da Europa continental.

Quero fazê-lo a pretexto do que entendemos que aqui hoje se passou e do que, nesse seguimento, deverá ser a nossa missão no Mundo atual. E o que nessa qualidade Vos quero transmitir é que a Maçonaria representa, por essência e definição, uma filosofia que tem a Paz como seu valor maior e primacial. A Maçonaria tem por fim juntar pessoas diferentes, que pensam de modos distintos e têm crenças religiosas e políticas diversas sob um mesmo teto comum que é a abóbada celeste dos seus Templos que representam a Casa da Humanidade. Ao longo da nossa história sempre nos batemos na defesa e afirmação dos valores da Liberdade, da Igualdade, da Fraternidade e da Tolerância, que poderíamos verdadeiramente sintetizar num só: a Paz.

Na Maçonaria todos os dias nos esforçamos por fazer conviver homens e mulheres entre si muito diferentes num ambiente de harmonia e de amor fraternal, que pretendemos levar para

o mundo a que simbolicamente chamamos "*profano*". No limite, a grande utopia e mito maçónico que é a "*Res Publica Universal*", que longe está de ser uma organização globalista e vertical, ideia absurda que algumas pessoas de má intenção reiteradamente agitam contra a Maçonaria, seria, isso sim, um regime inorgânico de Paz Universal que vigorasse entre todos os homens, nações e povos. Este é o grande ideal que herdámos dos nossos antepassados, que temos a obrigação de manter, desenvolver e aprofundar onde ele existir, ou de ajudar a criar onde infelizmente não vigore ainda.

A "*Res Publica Universal*" da Maçonaria é isso mesmo: a paz e a concórdia universais de que nos falavam Kant ou Proudhon, com que sonharam Jean Monnet e Robert Schumann, que alcançámos com a União Europeia e que temos a obrigação moral de preservar e tornar universais, isto é, acessíveis a todos os seres humanos.

Por conseguinte, a posição do Grande Oriente Lusitano – Maçonaria Portuguesa face às atuais ameaças existentes à paz, não pode ser outra, senão a de procurar congregar esforços nacionais e internacionais para pôr termo urgente às guerras – a todas as guerras – fazendo-o com justiça para todas as partes envolvidas, e criar, ou aprofundar, um sistema internacional baseado no Direito, que respeite todos os Estados, todas as minorias, todas as maiorias, todas as crenças políticas, todas as religiões. Nesta altura tão difícil para a Humanidade é esta a Mensagem que nos compete transmitir e procurar incrementar, enquanto homens e mulheres livres e de bons costumes. E é este, por conseguinte, o repto que a todos deixo como Grão-Mestre do Grande Oriente Lusitano – Maçonaria Portuguesa.

A paz só se ganhará com compromissos entre todos nós, sempre e quando nos assumamos coletivamente, como defensores de valores maçónicos.

Saibamos, então, cada um e todos nós, ser dignos da História e dos Valores que representamos e em que acreditamos, bem como da Missão que nos cabe desempenhar no grande Templo da Humanidade.

É necessário e sobretudo importante para a nossa sociedade, que passemos exemplos de "paz", de "harmonia" e de "concórdia", buscando o consenso e o auxílio de quem está próximo de nós.

É necessário que nos importemos com o que acontece na sociedade sob pena de enquanto maçons, sucumbirmos também nós nos mesmos males de que ela sofre.

Sabemos há séculos, na vivência do Templo, que quando mudamos, o mundo à nossa volta também muda. Façamos que valha a pena. Façamos com que os nossos valores e a sua vivência não sejam, também eles, inconsequentes. Que a Paz comece nas nossas fileiras como exemplo que germina em sucessivas ondas de choque.

Que todos saibamos ser IRMÃOS, numa verdadeira PAZ, pois somente assim teremos, nas nossas obediências maçónicas, a Harmonia, a Concórdia e a Sabedoria com que nos ligamos, numa argamassa que completa as nossas obras comuns!

Esta Conferência é um bom exemplo disso.

Disse!

Traçado a 29 de novembro de 2025 (e∴v∴), ao Oriente de Lisboa.

Fernando Cabecinha – Grão-Mestre do Grande Oriente Lusitano – Maçonaria Portuguesa